

TRIBUNA Livre

A Biblioteca Pública de
Braga

15
ABRIL
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

O novo Governador Civil do Distrito é o sr. dr. Francisco Carlos Leite Dourado

Foi de autêntico rigozijo o ambiente criado no nosso Concelho pela notícia de que havia sido nomeado Governador Civil do Distrito o sr. dr. Francisco Carlos Leite Dourado.

Muito conhecido e admirado entre nós, onde conta relações de muita estima, o novo Chefe do Distrito é considerado o homem capaz de um desempenho a contento geral nas altas e prestigiosas funções.

Homem público com ideias inconfundíveis, sabe o que quer e não é capaz de tergiversar nas linhas mestras do seu ideário. Conhece o Distrito, os seus homens e os seus problemas, pois foi em Braga Subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho e assistente corporativo, oficial da Legião Portuguesa e membro directivo de diversas instituições, não se furtando a todas as actividades em que o seu nome, o

seu prestígio e os seus dotes, pudessem ajudar a Grei.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, tem 39 anos e é natural da Póvoa de Varzim. Foi Delegado do I.N.T.P. em Angra do Heroísmo, Bragança e Viana do Castelo, e Conservador do Registo Predial e Civil e presidente da Comissão Concelhia da U. N. de Monção.

No nosso Distrito desempenhou além de muitos e variados cargos uma série grande de missões e actividades nos sectores sociais, administrativos e do desporto, sempre revelando um espirito esclarecido e contemporizador que lhe angariou uma pleiade grande de admiradores.

Substitui no cargo um homem que se deu à cidade e ao Distrito na plenitude dos seus recursos e que o Dis-

trito lembra com a maior saudade. Será essa circunstância mais um incentivo para uma dedicação total continuando uma obra de um dinamismo total.

Aqui formulamos os nossos votos de que seja feliz no seu prestigioso cargo e possa desempenhá-lo com os maiores benefícios para o Distrito e para a Causa que sempre serviu e serve com tanta dedicação e esclarecimento.

Importante reunião preparatória do arranque da Cooperativa Agrícola de Amares

Na passada segunda feira a sede do Grémio da lavoura de Amares povoou-se de sócios da Cooperativa Agrícola de Amares e outros proprietários e agricultores numa reunião a que assistiam diferentes técnicos e que visava preparar o arranque da Cooperativa Agrícola de Amares.

Presidiu ao acto o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva presidente do Grémio da Lavoura e da Cooperativa Agrícola, ladeado pelo sr. Eng.º Leite de Castro, em representação da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, e do sr. João Macedo, secretário daqueles organismos da Lavoura concelhia.

Em mesa ao lado os srs. Presidente da Câmara e os Engenheiros Cordeiro e Lopes da Silva, da Junta de Colonização Interna e Eng.º Trigueiros da Estação Agrária de Braga.

Como é do conhecimento geral na recente visita a este Concelho de Sua Exa. o Senhor Secretário de Estado da Agricultura ficou assente adquirir determinados terrenos e lançar imediatamente

Já lá vão uns bons pares de séculos desde que a oliveira, desdenhando as cálidas terras do Oriente, onde aparecera, se instalou no nosso país.

Em certas províncias encontrou condições bastante favoráveis, e nelas se tem mantido como cultura das mais importantes.

No Minho, porém, o caso foi muito diferente.

No entanto a oliveira, no Minho, foi sempre objecto de grande apreço. Mas quase sempre se ficava por aí, pelo simples apreço, deixando-a crescer ao Deus-dará, por vezes nos piores solos; plantava-se mesmo nas encostas de pedregosos e áridos montes, sem se lhe amanho e adubar

a terra pela sua longa vida adiante.

A oliveira, graças à sua rusticidade e facilidade de adaptação, ia crescendo e, muitas vezes, também ia produzindo cada vez mais, até que um dia já muito alta e cansada, começava a dar pouca e fraca azeitona.

E o agricultor resolvia-se então (quando se resolvia) a fazer-lhe a poda.

Mas que podar!

Os homens começavam a cortar conforme entendiam, isto é, bastante mal, suprimindo muitos ramos que deviam ficar e deixando muitos outros que faziam falta. Enfim, transformavam a árvore num grupo de penachos, onde a rama continuava emaranhada e a crescer para o alto.

A Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e a Junta Nacional do Azeite têm procurado e têm conseguido remediar em grande parte esse mal com os cursos de podadores de oliveira, cujos bons resultados são sobejamente conhecidos, sobretudo nas regiões de maior interesse olivícola; a segunda tem desempenhado neles um papel essencial, concedendo anualmente um subsídio para o

(Continua na 4.ª página)

«Mau tempo no canal»

Meu Caro Sousa Gonzalez:

Nesta nossa TRIBUNA supponho que é a terceira vez que me dirijo directamente a alguém numa crónica e na primeira pessoa. Esta não é mais. É uma crónica para te entreteres com os teus 18 anos, bem medidos através dos estudos e da tua monomania da Literatura. Aí tens. Nota que o culpado és tu por me andares a ensalmar com o Vitorino Nemésio, extraordinário professor, inspiradíssimo poeta, (tanto com menos romancista) por quem tens uma veneração invulgar.

Obrigaste-me, portanto, a ler «Mau tempo no canal», livro que me fizeram o favor de emprestar e li com prazer e com cuidado, não fosse, às vezes, enganar a minha índole nos arcanos da tua indómita vontade de avidez por tudo que diga respeito ao mestre. E desiludi-me!

Sabes quanto afoita a aceitar escritores regionalistas. Preciso de universalidade, possivelmente pelo «precioso» defeito de querer espaço para engalanar a triste vida que me açoitou no vago optimismo que a pauta. Daí afigurar-se-me que «Mau tempo no canal» indicia na obra de Vitorino um esforço para transpor o espaço açoreano, onde ele nasceu e se criou, após o que, ultrapassando as fronteiras provincianas, se veio instalar na capital, já mais lacta e, portanto, propícia a um melhor elemento de «fogos-fatuos» da sua privilegiada inteligência. Isso, contudo, não lhe retirou aquele âmago enraizado na terra que lhe foi berço, cercada de água por todos os lados. E se o seu pensamento crítico, a sua cultura imensa se pôde cosmopolitizar, não conseguiu desenraizar a árvore frondosa que

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Estamos a comemorar, como foi convencionado pelo Governo e muito acertadamente, o quarto centenário da impressão dos LUSIADAS, que o nosso épico cantou em hinos imorredouros para a Pátria.

E talvez o Leitor não saiba que o nosso maior Poeta, por ser grande, certamente, além de trucidado pela maledicência ainda o foi como português.

Voltaire, o enorme poeta e prosador francês, talvez porque cultivou todos os géneros literários e até a epopeia, declarou com aquela autoridade literária de que era portador, que Luís de Camões era espanhol.

Não serve de controvérsia tão insólita informação, mas como tal afirmativa é des-

(Continua na 3.ª página)

os alicerces da grande obra que se pretende levar a efeito.

A Cooperativa Agrícola de Amares é de carácter polivalente, isto é, abarca todas as actividades que interessem a Lavoura. O caminho que se pretende seguir é precisamente aquele de que a Lavoura carece, trabalhar directamente a terra por espécies ou secções ou na totalidade. Dentro desta orientação o proprietário ou agricultor tanto pode ser associado por secções, servindo-se das máquinas ou dos serviços de uma espécie, ou pode entregar as suas propriedades na totalidade, terreno lavradio ou bravio.

Da reunião saiu a certeza de que não faltam adesões e não será por falta destas que estaremos em breve em franca laboração.

A quantidade de terrenos que se acham já garantidos são de molde a dar-nos essa certeza.

Dos pontos assentes vê-se que vai ser imediatamente estudado o número de secções que constarão do re-

«Continuado da 4.ª página»

EMPRESA DAS ÁGUAS MINERO-MEDICINAIS DE CALDELAS S. A. R. L.

Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Temos o prazer de apresentar a V. Exas., o Relatório e Contas referentes ao exercício de 1971.

A semelhança do que aconteceu no exercício anterior também em 1971 e de forma mais nítida se processou o desenvolvimento económico-financeiro da vossa Empresa.

No capítulo de melhoramentos efectuaram-se as obras previstas. Assim, no Grande Hotel da Bela Vista procedeu-se à instalação de um «Bar» e total remodelação da «Recepção».

As duas dependências beneficiaram em muito esta unidade hoteleira, proporcionando aos seus utentes, um ambiente moderno e agradável.

Também no «Balneário» se operou sob sugestão do nosso Director Clínico, um arranjo num certo número de cabines, que permitiu na época finda, uma maior rentabilidade no número de tratamentos e maior comodidade para os aquistas.

O número de inscrições sofreu um aumento de 3% em relação à época transacta.

Na exploração hoteleira, mau grado um aumento de frequência e de elevação nos preços das diárias, superiormente autorizado, verificou-se ainda um baixo índice nos resultados.

Dado que é, a nosso ver, indispensável continuar as obras de ampliação e modernização nas instalações balneares e hoteleiras, procedeu-se ao levantamento topográfico dos edifícios e alguns terrenos da vossa Empresa, de molde a permitir o projecto dum Plano Director, que será executado, por fases e consoante a acuidade das obras a realizar. Pensamos que a concretização de tal Plano, será extremamente útil no sentido de uma harmoniosa conjugação de esforços e iniciativas, com vista a firmar a posição alcançada e a prosseguir o desenvolvimento das actividades da Empresa.

No plano imediato pensamos dever dar prioridade, na parte balnear: à construção de uma «zona seca» aonde ficarão instalados os consultórios médicos, gabinetes de fisioterapia, sala de espera, etc. Prevendo-se ainda a instalação de uma lavandaria de apoio ao Balneário.

Na parte hoteleira: modernização da cozinha do Grande Hotel da Bela Vista e lavandaria.

Como constatarão, as receitas de 1971 cifraram-se em 4 495 788\$55 e as despesas em 3 071 684\$30.

O activo da vossa Empresa sofreu um aumento de 1 079 247\$93, estando incluídos nesta verba 765 204\$61 de valores disponíveis, enquanto o passivo exigível é apenas de 74 733\$89.

De qualquer forma a análise do Balanço permite verificar a saudável situação económica-financeira.

Os resultados obtidos em 1971 constituem claro índice do esforço desenvolvido nos vários sectores da Empresa.

O Lucro Líquido do Exercício é de 972 158\$55. Considera-se este resultado bastante animador e conducente à necessidade de investir o máximo no reapetrechamento e modernização das instalações da vossa empresa.

Para o saldo apurado, na conta Lucros e Perdas, propomos a seguinte aplicação:

Fundo de Reserva	48 608\$00
Fundo Especial Depreciário	97 216\$00
Alíneas c) e d) dos Estatutos	223 596\$80
Dividendo	150 000\$00
Fundo de Reserva Livre	450 000\$00
Saldo para Conta Nova	3 228\$22
	<u>972 649\$02</u>

A concluir a Administração tem a honra de propor:

- 1) — Um voto de agradecimento ao Ex.mo Conselho Fiscal pela colaboração que se dignou prestar-nos.
- 2) — Ao ilustre Corpo Clínico o nosso apreço pela dedicação e competência manifestadas.
- 3) — Um voto de louvor a todos os restantes colaboradores que bem cumpriram.

Caldelas, 17 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
Carlos Manuel Santos Ortigão de Oliveira
João Henrique Pereira Fernandes

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

A C T I V O		
DISPONÍVEL		
Caixa	31 016\$15	
Depósitos em Bancos	734 188\$46	765 204\$61
REALIZÁVEL		
Exploração Agrícola	4 110\$00	
Fazendas Gerais	15 921\$00	
Devedores e Credores	23 806\$40	43 837\$40
IMOBILIZADO		
Imóveis	7 599 000\$00	
Propriedades Rústicas	100 000\$00	
Terrenos	50 000\$00	
Móveis e Utensílios	1 251 777\$80	
Maquinismos	530 986\$50	
Concessão de Águas	130 800\$00	
Obras	712 541\$20	10 375 105\$50
		11 184 147\$51
CONTAS DE ORDEM		
Caução Estatutária	10 000\$00	10 000\$00
		11 194 147\$51

Caldelas, 31 de Dezembro de 1971.

O Técnico de Contas,
António Álvaro de Sousa

P A S S I V O		
EXIGÍVEL		
Devedores e Credores	61 053\$60	
Dividendos	13 680\$29	74 733\$89
Regularização do Activo		
Reintegração de Imóveis	1 807 920\$00	
Reintegração de Móveis e Utensílios	894 148\$40	
Reintegração de Maquinismos	118 220\$80	
Reintegração de Obras	117 705\$70	2 937 994\$90
		3 012 728\$79
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Capital e Reservas		
Capital	2 000 000\$00	
Fundo de Reserva	710 128\$20	
Fundo de Reserva Livre	1 064 000\$00	
Fundo Especial Depreciário	301 535\$40	
Reserva de Reavaliação	3 123 106\$10	7 198 769\$70
Lucros e Perdas		
do Exercício anterior	490\$47	
do Exercício	972 158\$55	972 649\$02
		8 171 418\$72
Contas de Ordem		
Cauçionados Estatutários	10 000\$00	10 000\$00
		11 194 147\$51

O Conselho de Administração,
Carlos Manuel Santos Ortigão de Oliveira
João Henrique Pereira Fernandes

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE (LUCROS E PERDAS)

D É B I T O	
Produtos alimentares	1 287 730\$60
Encargos com o Pessoal	1 055 126\$10
Encargos Fiscais e Parafiscais	132 803\$30
Conservações e Reparações	186 048\$50
Combustíveis e Electricidade	186 874\$60
Encargos Sociais	5 186\$50
Despesas Gerais	217 924\$70
Reintegrações	451 945\$70
Saldo	972 649\$02
	<u>4 496 279\$02</u>

C R E D I T O	
Saldo do exercício anterior	490\$47
Receitas da Exploração Hoteleira	2 383 268\$80
Receitas da Exploração Balnear	2 084 684\$90
Receitas da Exploração Agrícola	9 512\$00
Juros de depósitos	2 507\$90
Receitas Diversas	15 814\$95
	<u>4 496 279\$02</u>

Caldelas, 31 de Dezembro de 1971.

O Técnico de Contas

António Álvaro de Sousa

O Conselho de Administração
Carlos Manuel Santos Ortigão de Oliveira
João Henrique Pereira Fernandes

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Cumprindo as obrigações legais e estatutárias, vimos apresentar à vossa consideração o Relatório e Parecer sobre o Balanço e Contas da Administração relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1971.

Verificamos periodicamente a escrita social, conferimos os valores da vossa Empresa, concordamos com os critérios valorimétricos adoptados e entendemos que a contabilidade, o Balanço, a conta de Ganhos e Perdas e o Relatório obedecem aos requisitos legais.

No seu Relatório a Exma. Administração dá conhecimento a V. Exas. dos factos mais relevantes do último exercício.

O «Bar» e a remodelação da «Recepção» do Grande Hotel da Bela Vista vieram dar uma nota agradável a esta unidade da Empresa.

Há, porém, que prosseguir urgentemente na sua modernização, nomeadamente dos quartos do mesmo Hotel.

O saldo da conta de Lucros e Perdas foi de 972 158\$55.

Para este apreciável resultado muito contribuiu o aumento de frequência no Hotel da Bela Vista e o reajustamento dos preços das diárias e dos tratamentos.

Em virtude de tais circunstâncias, foi de cerca de Esc. 300 000\$00 o aumento da receita no Bela Vista e de importância sensivelmente igual o aumento da receita verificado no Balneário.

Resta-nos agradecer ao Conselho de Administração as facilidades concedidas para o desempenho do nosso mandato.

Concluindo, somos de

P A R E C E R

- 1.º — Que aproveis o Relatório, o Balanço e as Contas, bem como os actos do Conselho de Administração, referentes ao exercício de 1971;
- 2.º — Que aos Lucros líquidos apurados seja dada a aplicação proposta;
- 3.º — Que manifesteis ao Conselho de Administração louvor pela forma comog eriu os interesses por vós confiados;
- 4.º — Que todos os Colaboradores da vossa Empresa, incluindo o Ilustre Corpo Clínico, são dignos do vosso apreço.

Caldelas, 27 de Fevereiro de 1972.

O Conselho Fiscal,

Dr. Francisco José Calheiros Ortigão de Oliveira — Presidente
Joaquim Marques da Silva
Eng.º Ruy Thessen Ortigão de Oliveira

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

A juventude da Comissão das Festas a Santo António em Amares é uma garantia do seu sucesso

O milagroso Taumaturgo universalmente adorado e distinguido com o seu nome em Templos e Ruas de vários países que tiveram a sorte de chegar a conhecer Cristo, vai ser condignamente homenageado em Amares em Junho próximo. Data célebre para Portugal que viu o seu nome propagado em todos os recantos do globo pelo prémio por Deus conferido, de oferecer a Lisboa um menino que nasceu santificado. Adolescente ainda, sómente amparado pelos Seus instintos Divinos, o prodigioso Fernandinho de Bulhões é uma das maiores Glórias da História da Igreja e uma das traves que segura convicções flutuantes quando pelo perdão, o pecado galvaniza almas conscientes do erro cometido. Santo António não tinha de ser perdoado de qualquer pecado a não ser do original que não é da Sua responsabilidade. A Sua idade, quando a Igreja o seduziu, iliba-o de qualquer suspeita e é um cheque para aqueles que não admitem essa Verdade ou supõe um dogma de conveniências sociais, a Religião Católica por desconhecer que não há povo algum no Mundo que não tenha, para evitar a morte-viva - uma ciência. Todos tem de se agarrar a uma táboa de salvação... e não é a matéria que resolve o problema das almas quando buscam a felicidade na riqueza, sedutora do homem-animal.

Ao ler-mos os nomes da Comissão das festas deste ano sentimos logo no espírito os efeitos resultantes da sua acção pelas qualidades bem conhecidas de carácter e bairrismo, qualidades essas avaliadas pelo Município que deu agora um exemplo flagrante de honestidade religiosa oficializando uma festa que o Brasil nunca deixou de fazer por conta dos governos dos 2 Estados federados. Se para muitos a oficiliação é um sintoma local, não o é para quem conhece o que se passou fora das barreiras Luzitanas.

O maior defeito do homem, a sua maior pobreza é não se conhecer. Wasce te Ipsum. Quando os filhos de Portugal conhecerem a História Universal passarão a amar a Sua Pátria com mais devoção porque é fora dos nossos limites que a nossa Grandeza resplandece.

O Exemplo dos membros

da Comissão aceitando o sacrifício, «prestam à Pátria» e à Igreja um grande serviço como lição perene da imortalidade das almas que virão ocupar na sociedade os lugares cimeiros da sua defesa para não ser-mos aniquilados pela anquilose moral. Esperamos que todos os Amarense se compenbrem das suas obrigações sociais e Religiosas ajudando os incansáveis elementos a dar às festas o brilho que sempre tiveram para que o nome do concelho possa continuar a oferecer garantias da sua capacidade, bem demonstrada em todos os tempos pelos sinos dos campanários a clamar a redenção das ovelhas tresmalhadas.

Elísio Gonçalves

2.º ANÚNCIO em 15-4-72

EDITAL

José Clemente Fernandes, Juiz das Execuções Fiscais de Amares.

Faço saber que no dia 20 do mês de Abril pelas dez horas, na Repartição de Finanças de Amares se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados penhorados a Eduardo Augusto Ferreira Vilela da Silva, Domingos José Ferreira Vilela da Silva, Maria Ludovina Ferreira Vilela da Silva, Maria da Glória Ferreira Vilela da Silva e Maria Arminda Ferreira Vilela da Silva, menores, representados por seu pai - Amândio José da Silva, casado, proprietário, de Bouro, para pagamento de Imposto de mais valias, do ano de 1970, da importância de nove mil oitocentos e oito escudos.

Designação dos bens: Uma morada de casas do rés, primeiro e segundo andar, para habitação, no lugar do Cano, freguesia de Bouro S.ta Maria, deste concelho, a confrontar do Nascente com José Augusto Ferreira, Poente e Sul com o proprietário e Norte com caminho público, inscrita na matriz sob o artigo n.º 361.

Aniversário

No dia 18 festeja o seu aniversário o nosso dedicado assinante sr. Carlos Antunes Rosadas, proprietário, da freguesia de Besteiros.



Tribuna Livre, que nutre pelo aniversariante muita consideração, deseja-lhe que passe um dia muito feliz junto de sua querida esposa e que esta data seja repetida por muitos e felizes anos.

Aniversário

No próximo dia 17 passa o seu aniversário natalício a sra. D. Margarida Esteves da Silva esposa do nosso assinante Sr. José Cunha residentes em França.



Tribuna Livre deseja-lhe que passe um aniversário muito feliz junto de seu marido e que esta feliz data seja comemorada por muitos e felizes anos. Parabéns.

Telefone dos Bombeiros V. de Amares
6 2 1 6 2

Visado pela C. d e Censura

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, dia 16, passa o aniversário natalício da Senhora Carolina Arantes Rodrigues e D. Julieta Martins Dias.

No dia 18 o sr. Gualdino Ramos. No dia 19 o sr. D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena

No dia 20 o sr. Francisco Machado Duarte.

No dia 21 o sr. José Manuel Barbosa de Macedo.

Tribuna Livre deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades.

Vá ver o Benfica

A Casa do Benfica de Braga, vindo ao encontro do desejo de muitos benfiquistas desta cidade, vai organizar uma excursão a Lisboa, no dia 19 do corrente mês, proporcionando-lhes assistir ao desafio Benfica-Ajax, de elevada importância para todos os desportistas portugueses que tão ardentemente anseiam poder ver o representante nacional na final de Roterdão.

Leia

Propague e acine

«Tribuna Livre»

1971: SUCESSO CONFIRMADO CONTRA O MÍLDIO

Somos especialistas de pesticidas ao nível mundial sendo a defesa da vinha uma das nossas maiores preocupações.

Mais de 1 milhão de hectares de vinha são tratados anualmente em todo o mundo com os fungicidas PEPRO (Pechiney Progil).

Não admira, por isso, que tivéssemos adaptado às condições muito particulares desta zona do país um fungicida anti-míldio apropriado. Chama-se MANCOZAN e vem ganhando sucesso de ano para ano.

Quais as razões?

- * Óptima eficácia contra o míldio
- * Óptima persistência
- * Ausência de fitotoxicidade
- * Atenua o vermelhão
- * Propriedades acaricidas
- * Não provoca atrasos na fermentação dos mostos

Solicite a opinião de alguns dos milhares de viticultores que utilizaram MANCOSAN. Passará a ser um novo cliente e um amigo dedicado do

MANCOZAN®

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:



AGROP
SOCIEDADE DE PROMOÇÃO
DE PRODUTOS
PARA A AGRICULTURA, LDA

Rua António Enes, n.º 25-2.º

Lisboa 1

Telefs.: 44180/44189

® Marca registada PECHINEY PROGIL (PEPRO) França

«Despistes» calamitosos...

«Despistou-se» é o termo vulgarizado, desde há anos, para se tentar explicar a origem (aparente) de grande número de acidentes de viação, sobretudo em estradas de intenso trânsito.

Os carros «despistam-se»... Saltam da faixa de rodagem. «Extraviam-se»... Perdem o rumo. Dir-se-ia que endoidecem. E seguem-se mortes, ferimentos, mutilações — quer entre os que sigam nos automóveis sinistrados, quer entre peões ou gente que viaja, confiada e prudente, noutras viaturas.

Analizada no terreno da estatística — diz um perito inglês — a percentagem dos casos explicáveis é muito reduzida. A maior parte ocorre nas mais estranhas condições, nos sítios resguardados, com veículos das mais diversas marcas, embora se note, segundo os técnicos, «algum destaque» para *certo tipo* de automóveis pequenos e leves, dispondo de motores muito rotativos.

Seja como for, os entendidos garantem que não são justificáveis, numa percentagem elevadíssima, os desastres de tal género. Hemos, pois, de depreender que se passa qualquer coisa extraordinária, ainda não esclarecida — nem sequer, parece, no domínio da mecânica. Os carros «despistam-se»... Assim se diz e se escreve. Os condutores, quando sobrevivem, juram que os automóveis se *despistaram*... Isto é, *lhes desobedeceram!* Em geral, não houve rebentamento de pneus, nem avaria nos órgãos de direcção ou de segurança. Mas deu-se o «despiste». E a tanto se reduzem, ante o grande público, as explicações, já tornadas lugares-comuns...

As pessoas imaginativas poderão, talvez, encontrar nestes insólitos acidentes — causadores de mortandade terrífica — matéria para supor que se presencia uma espécie de «revolta das máquinas», uma «loucura repentina» e «furiosa» dos engenhos que o homem obriga a correr cada vez mais depressa, *jugando comandá-los e dominá-los em absoluto*. Aqui estará um tema captivante para novela de ficção, mas não um assunto merecedor das análises dos peritos e dos responsáveis pela segurança rodoviária, a qual é assaz precária, confessemos, de dia para dia, visto que nem os automobilistas mais cautelosos podem considerar-se imunes: De repente, um dos tais «despistados» «ou doidos» salta-lhes ao caminho, ataca-os de frente, de flanco ou pela retaguarda, transformando-os em monte confuso de destroços e corpos esfacelados.

Se não existem anormalidades técnicas nos próprios veículos, se não há defeito mortífero de construção, temos de buscar outras causas racionais: Só nos restam duas hipóteses — talvez ambas aceitáveis:

Defeitos de construção nalguns pontos das rodovias e anomalias psíquicas de condutores. A primeira hipótese leva os especializados em rodovias a *repensar* algumas normas da sua especialidade. A segunda começa a ser observada com particular agudeza pelos homens da psico-patologia. Em qualquer caso, *não é o carro que se despista. Despistam-no. Desorientam-no.* O quê ou quem? Ha-de vir a resposta a estas interrogações que se ouvem no mundo.

Entre nós, tanto na Metrópole como no Ultramar, é alucinante a percentagem dos acidentes de tal índole, sobretudo tendo por tristes protagonistas jovens de todas as classes sociais. Havemos de nos contentar com a falada «psicose da velocidade»? Com a discutida «euforia» e a não menos controversa «sensação de poder» sugeridas pelo aparente domínio de um automóvel mais ou menos potente? Ou convirá procurar razões mais fundas? Nos «vícios de mentalidade» por exemplo... Ou na *deterioração dos costumes — origem de perturbação em muitos outros campos da nossa vida pública e privada?* Ou na *inversão dos valores morais, cujas consequências nefastas são visíveis em todo o orbe dito civilizado?*

O homem da rua ouve, lê os jornais, detém-se a pensar, e não chega a perceber... Mas o seu instinto da sobrevivência começa a manifestar-se. Em carta dirigida ao «Times» — quase igual a outra que «Le Monde» recebeu sobre o mesmo assunto — alguém escreve estas palavras dignas de meditação:

«Todos nos afligimos com o despiste dos automóveis. É natural. Mas devemos pensar que, na actualidade, há várias espécies de «despistes», inclusivé nos procedimentos individuais ante as mais sérias conveniências colectivas. E talvez sejam estas os mais graves e os principais causadores dos outros!»

A. M.

**Telefone dos Bombeiros
de Amares — 6 2 1 6 2**

Visado pela Censura

5.ª COLUMNA

«Continuado da 1.ª página»

conhecida da maioria dos portugueses e, certamente, do meu Leitor, aí vai a transcrição:

«Camões, de antiga família lusitana, nasceu em Espanha nos últimos anos do célebre reinado de Isabel e Fernando, enquanto reinava em Portugal D. João II; morto este passou Camões à corte de Lisboa, no primeiro ano do reinado de D. Manuel, o Grande, herdeiro do trono e dos colossais desígnios de D. João II.»

Isto está escrito pelo Patriarca de Ferrey, no seu livro «A poesia épica e o gosto dos povos».

Com o meu cunho estruturalmente tripeiro — que aliás sou — era caso para dizer que Camões nasceu no Porto, uma vez que numerosas localidades do nosso país disputam a invejável honra de serem berço do imortal épico. A despeito disso o que está provado é que Luís de Camões nasceu em Portugal. E eu não quero — Deus me livre! — que amanhã um dos grandes deste país como Vitor Hugo disse de voltaire, venha dizer de mim:

«A obra de voltaire é um templo monstruoso onde se venera tudo, menos a verdade».

Posta a questão deste modo não há que duvidar da aldrabice de voltaire, não é Leitor?

EME ABRIL

Cooperativa Agrícola de Amares

«Continuado da 1.ª página»

gulamento interno e vai ser enviado a todos os agricultores um questionário em que cada um possa dizer qual a quantidade de terrenos e sua categoria que entrega à Cooperativa ou quais as secções em que se inscreve e que quantidades oferece.

Desse questionário fará parte a descrição dos encargos e da maneira mais suave de o satisfazer.

Os técnicos presentes responderam às inúmeras perguntas que lhes foram formuladas e por vezes travou-se animado diálogo. No final os mesmos técnicos visitaram os terrenos destinados à sede e suas instalações diversas ficando agradavelmente impressionados.

Vai proceder-se, imediatamente, ao levantamento topográfico do local de maneira a facilitar o estudo das implantações urbanísticas a fazer.

No próximo número contamos em publicar minucioso trabalho sobre as atribuições e possibilidades desta Cooperativa que vem causando entre nós o maior alvoroço e a que está destinado um grande futuro se se receber a ajuda que se espera.

A OLIVEIRA NO MINHO

(Continuado da 1.ª página)

feito.

Graças a grande facilidade de enraizamento, favorecida pela frescura do clima, ninguém, no Minho, enxerta oliveira em zambujeiro; para obter árvores, plantam-se estacas, em geral bastante grossas, ou então recorre-se aos rebentos da sapata, que criaram raízes ou naturalmente ou porque os rodeassem de terra.

Voltemos á oliveira do Minho.

Se é certo que, muitas vezes, não dá produções famosas em contrapartida faz-se representar, nessa região, por árvores mais que famosas, o que acarreta três grandes inconvenientes; além de serem difíceis de podar, as oliveiras grandes dão muita despesa com a colheita e eventuais tratamentos.

Aqui há uma dezena de anos o facto não tinha grande ou, pelo menos tanta importância como hoje; se a colheita era trabalhosa, demorada, em compensação a mão-de-obra era barata e abundante.

Hoje, porém o caso é muito diferente.

Assim, o caseiro do Minho deixou de querer a azeitona «de terço» e o senhorio viu-se obrigado a dar-lha «de meias».

Depois, passou a ter de lhe dar «de terço» de avessas (um terço da colheita para o senhorio); e hoje há muitos caseiros que não querem a azeitona de nenhuma forma.

E o senhorio em grande

número de casos, chega à triste conclusão de que, se mandar apanhar por sua conta, tem prejuízo.

Mas há ainda outro inconveniente e bem grave, muito embora se lhe não ligue a devida importância as quedas desastrosas.

Como as alturas são consideráveis, muita sorte tem aquele que, caindo, ao varar a azeitona, apenas parte uma perna ou duas costelas quantas e quantas vezes o pobre jornaleiro ou caseiro encontra a morte junto ao pé da oliveira ou fica inutilizado para toda a vida!

Ora se a apanha da azeitona, nestas condições, por um lado, é desumana, por outro é perigosíssima também para o proprietário que, muitas vezes (em geral, mesmo) não tem os jornaleiros muito seguros.

Como adiante se dirá, esses dois obstáculos, embora possam remover, não são os únicos a olivicultura minhota de enveredar por bom caminho.

Além das oliveiras gigantes muitas há, mais ou menos baixas, que, convenientemente podadas, servem de tutores à vinha de enforcado.

Sem me querer pronunciar sobre o assunto, sempre direi que com esses tutores desde que o vindimador se agarra bem, há uma grande vantagem: como eles são fortes não provocam acidentes por partirem, tal como acontece com o choupo e a cerejeira muito usada para esse fim.

(Continua no próximo número)

«Mau tempo no canal»

(Continuado da 1.ª página)

plantou no seu «eu». A imaginação de Vitorino, cuja fluência se sente nas páginas do seu romance, sobre incidentes, choques morais, intriga vasta e pormenores, não chega para se verificar certa monotonia sobrecarregada em páginas e páginas que só vêm confirmar a extrema fidelidade à estreita faixa dos Açores, a despeito dessa inteligente e incomensurável capacidade para universalizar os elementos de que compôs o portuguêsíssimo e notável romance.

E se quiseses apreciar qual a incoerência da universalidade do escrito, repara. Caro Gonzales, neste retalho de prosa:

«Margarida não ia triste nem alegre: ia embrulhada no casaco cinzento de gola puxada acima.»

Isto é universal. Mas, logo

se lhe contiuna a fantasia dentro do carril do seu «eu» aparecida da primeira à última página.

Não quer isto dizer que o romance não contenha tudo que se torna preciso para fazer obra. Não! Vitorino Nemésio desenha as figuras com aquele lápis magistral que é seu fiel amigo: vivacidade; colorido; ingenuidade; ironia. E, às vezes, até brutalidade, o que se não deseja para que a verdade da existência esteja patente na ficção literária. Mas... enfim!

Aí tens, meu Caro Sousa Gonzalez a minha apreciação, com apreço pela tua magnífica virtude de, aos anos de idade, incomodarte com Literatura, o que não é uso nem costume nos tempos decorrentes...

Manda sempre do amigo

MILITÃO PORTUGAL